ANGELITA DAS CHAGAS BATISTA

A LITERATURA INFANTIL ABRINDO CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, ao Curso de Pós-Graduação em Organização do Trabalho Pedagógico, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.ª Elisa Maria Dalla-Bona

CURITIBA

2005

Dedico a todos os professores que acreditam no poder da palavra, no exercício de sua profissão, e buscam percorrer novos caminhos com seus alunos.

Em especial à minha querida mãe Maria, que sempre me apoiou, incentivando-me com amor, para que hoje eu pudesse estar concluindo mais esta etapa na minha formação.

Ao meu esposo, Marcos Fabiano, com amor.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço aos professores do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, pelo compromisso e perseverança na defesa da Universidade Gratuita e de Qualidade.

À Equipe Pedagógica e Administrativa da Escola Municipal Castro, que permitiu e apoiou o projeto proposto e desenvolvido nesta etapa.

Às crianças que participaram deste trabalho – meus eternos alunos do coração, aprendizes e continuadores da vida, com quem pude compartilhar esta prática, sempre na tentativa de acertar, abrindo-lhes caminhos para a formação de leitores.

À minha orientadora Professora Elisa Maria Dalla-Bona pela sabedoria, dedicação e paciência com que me orientou neste percurso, fazendo-me apaixonar ainda mais pela Literatura Infantil.

À amiga Arleandra, pela companhia, apoio e incentivo durante o Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, e no decorrer desta Monografia.

E finalmente, agradeço a minha família que com palavras de encorajamento e gestos carinhosos me ajudaram e me apoiaram nesta trajetória.

Há um lugar,
onde não devemos nos sentir só.
Há um momento,
em que não devemos ser tristes.
Há um sentimento,
que não mede forças para estar bem.
Há uma pessoa,
que não esquece um só minuto de você.

Este lugar é o mundo!
O momento é agora!
O sentimento é o amor!
A pessoa é Deus!

Sinta-se feliz a cada minuto da vida,
agradeça sempre o que vê em sua volta,
agradeça sempre o que pode tocar e sentir,
agradeça sempre todos os sons que pode ouvir,
agradeça.

Agradeça a Deus,
por ter nascido,
por estar vivo,
por ter saúde,
por poder desfrutar as maravilhas da natureza,
enfim,
agradeça a Deus,
por ainda poder agradecer...

pois hoje, eu posso agradecer a Deus por ter me dado sabedoria
e discernimento em mais esta etapa da minha vida,
conduzindo-me na busca de um saber maior.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS VII

LISTA DE GRÁFICOS VIII

1 INTRODUÇÃO 1

2 LITERATURA INFANTIL 7

2.1 A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA 7

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR 12

2.3 LITERATURA INFANTIL: O PRAZER DE LER 22

3 DESCRIÇÃO DO PROJETO 27

3.1 ANÁLISE 28

3.2 ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E PINTURA 29

3.3 MÚSICA, DANÇA E BRINCADEIRA 31

3.4 DRAMATIZAÇÃO 32

3.5 DOBRADURAS 35

3.6 JOGOS 36

3.7 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS 37

3.8 VISITA AO TEATRO DE BONECOS 39

3.9 HORA DA HISTÓRIA 41

3.10 DIÁRIOS DA TURMA 42

3.11 OUTROS TEXTOS 43

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 45

REFERÊNCIAS 48

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS 50

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E PINTURA: A CIGARRA E A FORMIGA – TRABALHO EM GRUPO 30

FIGURA 2 - BRINCADEIRAS CANTADAS 32

FIGURA 3 - DRAMATIZAÇÃO: OS TRÊS PORQUINHOS 33

FIGURA 4 - DRAMATIZAÇÃO: A CIGARRA E A FORMIGA 34

FIGURA 5 - A CONFECÇÃO DO CHAPÉU 36

FIGURA 6 - HISTÓRIA EM QUADRINHOS – TRABALHO EM GRUPO 38

FIGURA 7 - HISTÓRIA EM QUADRINHOS – FOTOS DAS ATIVIDADES 38

FIGURA 8 - SOMBRA 40

FIGURA 9 - FANTOCHES 40

FIGURA 10 - HISTÓRIAS QUE OUVIMOS 42

FIGURA 11 - VISITA À BIBLIOTECA 43

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - VOCÊ GOSTOU DAS HISTÓRIAS QUE FORAM TRABALHADAS? 29

GRÁFICO 2 - DAS HISTÓRIAS CONTADAS, VOCÊ SE IMAGINOU SENDO UM DOS PERSONAGENS? 30

GRÁFICO 3 - QUAL PERSONAGEM VOCÊ IMAGINOU SER? 34

GRÁFICO 4 - AS HISTÓRIAS AJUDARAM VOCÊ A MUDAR SEU COMPORTAMENTO, EM CASA E NA ESCOLA? 39

GRÁFICO 5 - VOCÊ TEVE ACESSO À DIFERENTES LIVROS DE LITERATURA? 41

GRÁFICO 6 - VOCÊ CONVERSOU COM SEUS COLEGAS SOBRE AS HISTÓRIAS TRABALHADAS? 44

1 INTRODUÇÃO

A melhoria da qualidade dos sistemas públicos educacionais representa o maior desafio que a sociedade brasileira enfrenta no caminho do desenvolvimento, e a definição de alternativas capazes de compensar as perdas e os insucessos na educação torna-se objeto de discussão prioritária. Neste sentido, a Secretaria Municipal de Educação (SME) criou o Projeto Fazendo Escola que se apresenta como um estímulo ao educador de Curitiba na busca de novas propostas e experiências educacionais, seguindo o pressuposto de que todos têm uma importante contribuição para a melhoria da qualidade da educação do cidadão curitibano.

Essa iniciativa vem ao encontro da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) n° 9394/96, que em seus artigos 14 e 15, indica aos sistemas de ensino que assegurem grau progressivo de autonomia pedagógica, financeira e administrativa para as escolas, reforçando a necessidade de que os profissionais que atuam nas diferentes áreas da educação tenham uma atuação empreendedora e criativa.

O Projeto Fazendo Escola consiste na orientação de Instituições de Ensino Superior (IES) aos projetos propostos por professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba que também recebem bolsa-auxílio. Estes projetos, com ênfase na ação-reflexão, visam o desenvolvimento de novas propostas e experiências educacionais aplicáveis à melhoria da ação pedagógica e, conseqüentemente, ao sucesso do aluno.

O Projeto Fazendo Escola, que apresentei à SME em 2003 possuía o mesmo título que adotei para esta Monografia, "A Literatura Infantil Abrindo Caminhos para a Formação de Leitores", no qual abordei e agora retomo neste trabalho, a Literatura Infantil a partir de sua prática pedagógica, considerando-a como área do conhecimento importante e necessária para a formação de leitores, especialmente no início da vida escolar. Este estudo justifica-se, pois ao mesmo tempo em que contempla as práticas

necessárias para a formação de leitores competentes, vem também ao encontro das necessidades das crianças desta faixa etária, nas quais buscou-se desenvolver: a leitura, a expansão da linguagem, a motivação, a socialização, a formação de hábitos e valores, a imaginação, a criatividade e outras habilidades que contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal, intelectual e, conseqüentemente, para a apreensão da linguagem oral e escrita. É principalmente na "fase da infância" que se estimula a formação de hábitos e o desenvolvimento de habilidades, buscando-se dar início ao processo de formação do leitor.

Vale ressaltar algumas metodologias que utilizei no decorrer do referido projeto, e que podem favorecer a relação aluno/leitura a partir do trabalho com a literatura infantil, para que esta contribua favoravelmente na formação de leitores.

A realização do Projeto Fazendo Escola tinha como finalidade a formação de leitores competentes, e formar um leitor com esta característica supõe, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – Língua Portuguesa, 1997, p.54): "formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos", desenvolvendo assim, o gosto pelo livro e pela leitura, estimulando a inteligência e a aquisição de conhecimentos levando o leitor a desenvolver o poder criador de seu pensamento e a ampliar seu horizonte e suas experiências.

Ao se propor este projeto incentivando a leitura literária, buscou-se proporcionar o prazer de ler, ouvir, informar-se e de fazer com que as crianças usassem a fantasia e imaginação. Pois, é por meio da magia da história que a criança adquire o gosto pela leitura, transformando-a em vivência, como uma habilidade que ela – a criança – controla e desenvolve com o decorrer do tempo, afinal, "contar

histórias é a mais antiga das artes. Elas são fontes maravilhosas de experiências. São meios de ampliar o horizonte da criança e de aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca". (VALOTTO, 1997, p.23).

Partindo de novos e diferentes estudos, apresentou-se esta proposta de trabalho em que a criança sentiu-se estimulada, para compreender e interpretar de uma maneira prazerosa suas produções dentro e fora da sala de aula, tornado-as mais ricas, criativas e transformadoras. Pois "o objetivo primordial da literatura infantil é despertar o hábito de ler, de uma forma lúdica e prazerosa, levando o leitor a ter um posicionamento crítico sobre si mesmo e sobre o mundo circundante". (PONDÉ, 1985, p.47).

Dentro da relação criança/professor/literatura, foram investigados alguns aspectos relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa, dentre os quais podem-se destacar: a contribuição da Literatura Infantil na formação do leitor como sujeito de sua história, o comportamento das crianças diante das histórias lidas e ouvidas e a capacidade de argumentação em relação às diferentes situações encontradas em cada história.

A criança traz consigo uma bagagem cultural adquirida em sua experiência de vida. Cabe à escola abrir espaço para que ela amplie sua leitura de mundo, proporcionando-lhe situações que possibilitem o contato com a leitura e escrita de forma que a criança possa compreender sua função social e avançar em sua simbolização e conceitualização. É preciso deixá-la sentir, perceber e vivenciar todas as suas potencialidades.

Optou-se pela exploração desse tema, visando apontar subsídios para que haja um melhor aproveitamento da Literatura Infantil no processo ensino-aprendizagem, tendo como objetivos:

- proporcionar a aquisição e o prazer pela leitura, por meio da literatura infantil, de forma lúdica e descontraída, abrindo caminhos para a formação de leitores críticos e conscientes;
- criar condições de uma interação cotidiana entre as crianças e os textos escritos;
- possibilitar um ambiente em que as crianças tenham acesso a várias e diferentes histórias da literatura infantil;
- estimular a vivência de emoções, o exercício da fantasia, da imaginação e da memorização;
- ampliar e enriquecer a linguagem, a observação e a criatividade;
- desenvolver nos alunos a capacidade de opinar sobre as histórias trabalhadas;
- estimular produções orais, escritas, não verbais e em outras linguagens (artes plásticas, teatrais, musicais etc.);
- propiciar a compreensão da função social da leitura e da escrita como forma de comunicação humana.

A metodologia utilizada nesta pesquisa concretizou-se pelos seguintes percursos:

- retomada do Projeto Fazendo Escola;
- levantamento das referências bibliográficas referentes à leitura e literatura infantil;
- descrição das atividades propostas aos alunos;
- análise da pesquisa realizada com os alunos, por meio de gráficos, focalizando assim meu objeto de estudo.

O trabalho foi desenvolvido com alunos cujas idades variam de 07 a 08 anos, regularmente matriculados na 2ª Etapa do Ciclo I[1] (2ª série do Ensino Fundamental) num total de 30 alunos, tendo como responsável a professora regente da turma.

A proposta metodológica embasou-se em ações que encontram-se descritas na terceira parte desta monografia e que foram desenvolvidas dentro e fora do âmbito escolar, tendo como finalidade levar o aluno desta Etapa a apropriar-se progressivamente das habilidades de leitura, despertando-lhe o gosto de ouvir histórias contadas ou lidas, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Para alcançar os objetivos propostos, foram trabalhados ao longo de um semestre, três dias por semana, atividades que oportunizaram à criança vivenciar situações de leitura na abordagem de diferentes obras literárias. Também realizou-se uma pesquisa ao final do ano letivo, com o intuito de verificar a opinião dos alunos em relação às histórias trabalhadas e às atividades desenvolvidas durante o projeto em questão, sendo possível sua análise na quarta parte deste trabalho a partir da leitura dos gráficos.

Partindo dos dados obtidos nesta pesquisa com os alunos e no decorrer do Projeto Fazendo Escola me motivei por aprofundar as análises nesta monografia, realizando uma pesquisa bibliográfica, destacando a importância e essência do trabalho com a Literatura Infantil, principalmente dentro do âmbito escolar, preservando sua natureza e sua complexidade sem descaracterizá-la. "A escola precisa superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura e a principal delas é a de que ler não é simplesmente decodificar ou converter letras em sons." (PCNs, Língua Portuguesa, 1997, p.55). Este equívoco conceitual da escola vem produzindo

---

[1] Proposta de reorganização da escola na Rede Municipal de Ensino com progressão continuada. Ciclo I (de alfabetização – duração de 2 ou 3 anos) correspondente às turmas de pré-escola, 1ª e 2ª séries. *Ciclo II – duração de 2 anos correspondente às turmas de 3ª e 4ª séries.*

grande quantidade de analfabetos funcionais, pessoas capazes de decodificar textos, mas com enormes dificuldades para compreender o que lêem.

A escola deve oferecer aos alunos, materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes; é preciso oferecer-lhes textos do mundo... eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. "Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes". (PCNs, Língua Portuguesa, v.2, 1997, p.55).

Vale lembrar ainda, que os pais dos alunos envolvidos neste processo, foram comunicados do trabalho que estava sendo realizado, e autorizaram o processo de observação e os registros fotográficos expostos na Descrição do Projeto, com o objetivo de apreender melhor a realidade dos alunos.

É importante salientar que:

> Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (PCNs, Língua Portuguesa, v.2, 1997, p.36).

2 LITERATURA INFANTIL

2.1 A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

O surgimento da literatura infantil vincula-se às mudanças ocorridas na sociedade nos séculos XVII e XVIII, momento em que instalou-se o modelo burguês de família, provocando uma alteração na maneira de se ver a infância e todas as instituições com ela relacionadas. A escola alia-se à produção de textos dirigidos às crianças, para a consecução dos objetivos e valores preconizados por essa nova classe social emergente.

Segundo Lajolo e Zilberman (1985), os textos produzidos para crianças deixavam transparecer os valores do mundo burguês de maneira idealizada, suscitando expectativas e promovendo padrões comportamentais em seus receptores. O vínculo que se estabelecia entre a ideologia e as intenções da classe burguesa com o texto dirigido ao público infantil reforçava o caráter pragmático do gênero, comprometendo o seu relacionamento como forma de expressão artística, bem como o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Saraiva (2001) afirma que com o passar dos séculos, este posicionamento didático se firmou e muitas foram as produções que surgiram com esse modo pragmático de encarar o texto. Todavia, apesar da orientação didática, muitas obras produzidas na época permaneceram por suas qualidades estéticas, merecendo destaque os contos de fadas de Perrault; as adaptações de romances de aventuras, como Robinson Crusoé, de Daniel Defoe; e a reunião de contos de fadas feita pelos Irmãos Grimm, que passou a ser considerada a verdadeira literatura infantil, explorando o fantástico, a aventura, envolvendo espaços não comuns, e que se detiveram no cotidiano das crianças como elemento motivador.

Nesta mesma obra, a autora aponta que apenas no final do século XIX, a literatura infantil começa a ser difundida no Brasil com a mesma concepção que lhe dera origem, contextualizando-se no panorama da literatura universal. Historicamente, o surgimento da literatura infantil brasileira enfrentou dificuldades para conquistar hegemonia e ser reconhecida como produção artística; o texto infantil era usado como difusor de preceitos e normas comportamentais, para doutrinar as crianças. Uma retrospectiva voltada para o surgimento da Literatura Infantil no Brasil, leva Saraiva (2001), a estabelecer quatro fases permeadas pelas concepções ideológicas que se evidenciaram neste percurso.

A primeira fase compreende o final do século XIX e o início do século XX, período onde busca-se a formação de um público leitor infantil. A produção dessa época revela a posição dos intelectuais, que nesse momento histórico, preocupavam-se com a modernização do país, e acreditavam que na escola isso seria possível, incentivando ainda a adoção de valores patrióticos pelo povo, a começar pelas crianças. "Permeável às solicitações da sociedade, a literatura infantil integrou-se aos esforços de instalação da cultura nacional, vinculada à escola e à valorização do nacionalismo." (SARAIVA, 2001, p.36).

Haviam também, traduções e adaptações de obras estrangeiras para crianças, e sendo estas destinadas ao público infantil europeu, apresentavam problemas, devido ao distanciamento lingüístico entre o português escrito e o português falado pelos brasileiros e também quanto à representação de mundo.

A segunda fase ocorreu no período de 1920-1945, momento de euforia política, intelectual e artística. A década de 20 registra a pressão da burguesia industrial, da classe média urbana e do operariado. Esta efervescência social atingiu a educação, denunciando a triste realidade nacional: um sistema educacional fragilizado e, com altos índices de analfabetismo.

Nesse período, foram marcantes as inovações artísticas tanto pela ocorrência de exposições, quanto pela fundação de jornais e de revistas, encontrando formas diversas de expressão, manifestadas na Semana de Arte Moderna, de 1922, indicada como marco inicial da revolução nas letras brasileiras.

Neste percurso a literatura infantil foi marcada pelo momento histórico-cultural no ano de 1921, quando nascia oficialmente pelas mãos de Monteiro Lobato, com uma notável inovação na temática das histórias e da linguagem, que destinavam-se ao público infantil brasileiro.

A criação literária do autor dirigida às crianças centrou-se no receptor, buscando uma identidade de tipos e de linguagem na produção literária. Com seu trabalho, Monteiro Lobato procurava inovar a metodologia da escola tradicional, "buscando espaço dentro das narrativas para discutir pontos polêmicos relacionados com a História do Brasil, com a ética e com o comportamento humano." (SARAIVA, 2001, p.37).

As décadas de 30 e 40 ficaram marcadas na política mundial como momentos de grande desordem, resultando na avassaladora Segunda Guerra Mundial, período caracterizado por grande arbitrariedade e violação dos direitos civis e democráticos.

A nova ordem econômica e o crescimento da área administrativa trazem a exigência de um trabalhador e funcionário público mais bem preparados, aumentando a demanda social da educação, pressionando a expansão do ensino. A educação primária tornou-se obrigatória privilegiando-se o ensino técnico e os cursos superiores, e a produção literária para crianças, indicava o regime autoritário próprio do momento, permeado pela ideologia dominante.

A terceira fase, é marcada pelas décadas de 50 e 60, descritas pela autora como décadas de democracia, época da ascensão política de Getúlio Vargas, onde

retomam-se antigas linhas nacionalista e intervencionista, registrando um crescimento de 80% na produção industrial.

No início da década de 50, estava em plena vigência, no campo educacional, a reforma Capanema, introduzida em 1942 e mantida até 1961, momento de aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esse segmento foi muito influenciado pela "tendência nacionalista", verificada no campo econômico-político. (SARAIVA, 2001, p.39).

A década de 1960 registra o surgimento dos movimentos de educação popular, que objetivavam a transformação da realidade brasileira pela participação ativa da população adulta na vida política do país. A cultura de massas passa a dispor de meios mais modernos, sofisticados e eficazes. "A televisão foi adotada como meio de comunicação, os jornais reformularam-se graficamente, as revistas semanais surgiram ao lado de revistas em quadrinhos para crianças. Tanto na área infantil quanto na adulta, visava-se ao público dos estratos elevados da sociedade". (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p.93).

A literatura infantil nesse período assumiu um caráter conservador, abordando temas e ambiente que privilegiava a agricultura. Dentre esses temas, destacam-se: o café, encarado como fonte primeira de riqueza, a hegemonia da vida urbana sobre a rural, a Amazônia que passou a ser explorada, em conseqüência do poder de comunicação da cultura de massa, e o passado histórico, abordando especialmente, a história dos bandeirantes.

As obras desse período, na opinião de Lajolo e Zilberman (1985, p.120-121),

> (...) traduzem a ótica da classe burguesa, enriquecida com a modernização do país, mas identificada com valores tradicionais, quais sejam, o culto à autoridade (legitimado pelo pedagogismo das histórias) e ao passado. Por essa razão, as personagens urbanas, oriundas de um meio rico, convivem harmonicamente com o ambiente rural, no qual se refugiam por um tempo. A aliança entre eles retrata o pacto social, efetuado entre grupos tradicionais e grupos emergentes, assim como as regras que estabelecem entre si.

A quarta fase compreende o período das décadas de 70 e 80, no qual registram-se transformações aceleradas na História do Brasil. Em 1970, houve a ascensão e a queda do chamado "milagre brasileiro", em 1980, foi registrada a pior crise econômica de todos os tempos.

Na área política essas duas fases foram marcadas por dificuldades que resultaram num processo de abertura democrática, que efetivou-se em 1989 quando o povo reconquistou o direito de eleições diretas para Presidente da República.

A produção de literatura para crianças, na década de 70 registrou um considerável aumento de autores e de títulos à disposição do público, seguidos pela narrativa e pela poesia, com tratamento dispensado à linguagem que encontrou sendas inovadoras por meio do Modernismo de 1922 e por Monteiro Lobato, enfatizando-se a oralidade, com a presença de gírias, dialetos e falas regionais.

Segundo Saraiva (2001) a narrativa infantil dessas duas décadas produziu obras diversificadas, modernos contos de fadas e de ficção científica, narrativas de cunho social e policial. As produções inovaram pelos enredos livres e pela representação do protagonista: crianças desajustadas e/ou frustradas, revelando uma sociedade marcada por problemas socioeconômicos. A poesia, destacou-se pela qualidade da produção, onde os autores privilegiaram o cotidiano infantil, reforçando a independência, a criação e a rebeldia da criança, valorizando aspectos da linguagem e enfatizando a exploração da sonoridade das palavras.

A trajetória da literatura infantil brasileira apresenta muitas dificuldades ao longo da história, observando-se em alguns momentos a supremacia da quantidade, em outros, da qualidade. Pois, nascida num período em que toda mentalidade despertava da alienação, a literatura infantil segue um caminho para a maturidade do gênero dentro das propostas feitas por Monteiro Lobato no ano de 1921.

> A qualidade estética que reveste as produções destinadas ao público infantil na atualidade permite ao professor a possibilidade de apresentar o mundo mágico da literatura. Ao se valer dela, o professor não só confere nova motivação a esse processo de aprendizagem, como também contribui para a construção da subjetividade da criança. (SARAIVA, 2001, p.41).

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O conceito de alfabetização não está mais vinculado à simples idéia de codificação e decodificação de signos, pois na sociedade informatizada em que vivemos, as exigências quanto à formação são cada vez maiores.

Com o uso das novas tecnologias, trabalhadores antes considerados competentes e eficazes vão sendo desvalorizados por não conseguirem adaptar-se à nova realidade, e seus conhecimentos de leitura e escrita são insuficientes para que possam atualizar-se acerca do desenvolvimento tecnológico.

Empresas contemporâneas necessitam de profissionais que tenham um ótimo desempenho de leitura, e que além de ler e decodificar manuais de instrução de máquinas sofisticadas saibam pensar, interagir com situações novas e habilmente possam tomar decisões; pessoas que tenham bom nível de leitura geral, leitura de mundo, informação generalizada sobre questões contemporâneas e domínio de habilidades que permitam a esse profissional construir e reconstruir por si próprio o seu saber.

Foucambert (1994, p.21), defende a idéia de que "ler não é apenas ver o que está escrito, ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso ao escritor, é construir uma resposta que estabeleça informações novas àquelas que já se possuía".

É a atribuição de sentido a uma mensagem escrita que se pode considerar leitura, e a atribuição de significado em relação ao que está escrito, tem a ver também, com a informação de mundo que possuímos. A pessoa que esteja totalmente alheia à realidade política, econômica e social do Brasil e do mundo, terá dificuldade em ler até mesmo os jornais diários, e mesmo em relação a textos puramente referenciais e informativos, o nível de leitura e informação prévia do leitor vai influir na leitura, na interpretação, na compreensão.

Em se tratando de leitura, estamos sempre aprofundando nosso aprendizado, pois a cada novo texto que lemos, a cada novo conhecimento que adquirimos, a cada experiência que vivemos, melhores leitores nos tornamos, sempre aprendizes e, a cada dia melhores aprendizes. A leitura como oportunidade de enriquecimento e acumulação de experiências torna-se primordial na formação do ser humano. "A experiência é sinônimo de estar vivo, criando e explorando, interagindo com mundos reais, possíveis e inventados (...); a informação assim como conhecimento, sabedoria, habilidades, atitudes e satisfações vem com a experiência de estar vivo". (MARIA, 2002, p.23-24).

A experiência que adquirimos ao longo dos anos, sempre resulta em aprendizado, em melhores condições para a compreensão e o enfrentamento de desafios, não apenas dos textos, mas dos fatos e fenômenos da própria vida. A experiência na leitura produz maior conhecimento sobre a própria leitura, de modo que aqueles que lêem muito, sem dúvida tendem a ler melhor.

A leitura é pensamento que se constrói sobre a informação impressa, e que é alimentado e dirigido pela escrita. O envolvimento emocional do leitor com a experiência da leitura é o mesmo que se pode ter em qualquer tipo de experiência e, da mesma forma, dela extraímos sempre algum aprendizado.

Segundo Vygotsky (1995), aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma seriam impossíveis de acontecer.

A leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites do nosso quarto, é a exploração de experiências variadas, desde as mais recentes, até aquelas de outros momentos históricos. (MARIA, 2002, p.25).

A literatura e a arte em geral são alimentos indispensáveis ao imaginário, e a

sensibilidade, a "humanidade" do ser humano, a capacidade de interagir e compreender o outro, a difícil arte do conviver, tudo isso passa pela sensibilidade, de se refinar o espírito, mas sem dúvida, a leitura de bons autores, de bons textos literários, o diálogo, enfim, com os grandes criadores de todos os tempos podem contribuir para o aperfeiçoamento da pessoa; e passamos então a conhecer melhor o outro, como também a nos conhecermos melhor, conhecer nossos limites, saber nossa real dimensão.

Segundo Saraiva (2001), a escola assume a responsabilidade de iniciar a criança no processo de alfabetização e de, aos poucos, aperfeiçoar a leitura, de modo a garantir-lhe o domínio de uma prática cuja finalidade não se esgota em si mesma. Assim, a preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento em que a leitura deixa de ser uma atividade ocasional para integrar-se à vida do sujeito como necessidade, de onde decorrem prazer e conhecimento. Mais do que alfabetizar e possibilitar aos alunos o domínio de um código – a língua escrita e, por meio desse, a convivência com a tradição literária, espera-se da escola a formação do leitor. Entretanto, a análise da situação em que se encontra a leitura, comprova a ineficácia da escola, pois percebe-se o desinteresse total do aluno por essa atividade, evidenciando a distância estabelecida entre a ação pedagógica e o despertar do leitor. O aluno assume o papel de mero decodificador, sem buscar o desenvolvimento de atitudes crítico-reflexivas, limitando suas experiências com textos literários somente àquelas exigidas e muitas vezes pouco oferecidas pela escola.

A equivocada compreensão do ato de ler, é explicada em relação à literatura, pelas atividades desenvolvidas na escola. Pois o que observa-se, é que a leitura literária tornou-se um pretexto para exigir que o aluno escreva algo, para que possa ser avaliado pelo professor, ou simplesmente para ocupar o tempo em sala de aula transformando a magia e o encantamento da literatura em aversão à prática da leitura.

O posicionamento dos alunos denuncia a prática pedagógica, "revelando o

equívoco que fundamenta tanto a concepção da leitura e de sua finalidade quanto a concepção e a finalidade da literatura, ao mesmo tempo em que expõe a situação solitária da escola diante da tarefa de articular ao ensino da língua, a conquista de leitores". (SARAIVA, 2001, p.23-24)

É importante lembrar que, a troca de experiências de leitura e de vida já não faz parte dos encontros familiares, e como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa. Ou acabaremos condenando as futuras gerações a também não lerem. A escola precisa quebrar esse ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente leitor e o professor tem que dar o exemplo e despertar a curiosidade dos alunos.

Machado (1996), diz que ler é gostoso demais, por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça, e no caso da criança, dois fatores contribuem: curiosidade e exemplo. Assim, é fundamental o adulto mostrar interesse pela leitura também.

Infelizmente, o que vemos é que os docentes lêem muito pouco, porque a formação recebida não dá ênfase a isto. É uma situação completamente contraditória, pois no Brasil, nossas salas de aula estão cheias de professores que, apesar de não lerem, tentam ensinar a ler.

Ao longo dos anos, percebe-se que a literatura, a arte em geral, toda a cultura criadora e questionadora não estão sendo bem trabalhadas nas escolas. Há algumas experiências individuais surpreendentes, mas elas ainda são consideradas mais exceção do que regra dentro do sistema educacional, pois esbarram na burocracia, no currículo, no horário que não reserva um espaço para que as crianças leiam.

A leitura não consiste numa simples tradução de símbolos visuais para o verbal, além de que existe uma mensagem que alguém teve a intenção de transmitir por meio da escrita e será o leitor que se encarregará de descobrir.

A criança se aproxima da leitura e da escrita por meio da própria leitura e escrita e não de outra maneira, onde é necessário fazê-la enfrentar essa atividade, oferecendo-lhe a oportunidade de interagir com os diferentes tipos de textos.

Para Saraiva (2001), o professor é a ponte que permite à criança avançar na leitura e na compreensão das múltiplas realidades que afloram a partir das diversas histórias ouvidas ou lidas para estabelecer vínculos com seu próprio universo, por isso é necessário entender que a leitura constitui fonte de prazer na medida em que atende às necessidades de ludismo e de informação da criança.

"Por meio da leitura, o aluno satisfaz essas necessidades sendo-lhe permitido assumir uma atitude crítica em relação ao mundo, advinda das diferentes mensagens e indagações que os textos suscitam". (SARAIVA, 2001, p.12).

É preciso então, refletir sobre a importância do diálogo no espaço escolar, e o quanto é determinante no desenvolvimento das crianças a interação professor/aluno, o estímulo à verbalização, o colocar-se como ouvinte dos colegas disciplinando assim o acesso à fala e criando condições para o seu desenvolvimento cognitivo.

A escola precisa ter professores muito bem preparados, que tenham noções acerca de como a aprendizagem se dá, para que coloquem as crianças diante de desafios que elas próprias busquem solucionar, e que sejam capazes de ouví-las em suas descobertas a cada dia dentro do âmbito escolar. Muitos pais enviam seus filhos à escola, na certeza de que ali eles terão acesso a leitura e a escrita, no entanto, o nível de desenvolvimento das crianças que a escola recebe é bastante diversificado, à qual compete o reconhecimento de que o tempo necessário para que as crianças, social e culturalmente diferentes, dominem a leitura e a escrita não pode ser o mesmo. A escola precisa garantir a essas crianças o ambiente alfabetizador que nem sempre possuem em casa.

É preciso considerar ainda, que toda a criança ao chegar à escola, traz um processo de aprendizagem iniciado, e é importante valorizar a história de cada um. Há

crianças que constróem hipóteses que as auxiliam a chegar ao completo domínio da escrita, há outras que estão em constante contato com diversos materiais impressos, livros de literatura e computador. Há as que interagem com adultos que têm na leitura e na escrita suas atividades principais as quais certamente terão maiores oportunidades de exercitarem-se na construção de seu conhecimento da escrita e da leitura.

De acordo com Vygotsky (1995), a interação das crianças com os adultos e com outras crianças, em situações que estimulem o seu raciocínio e as levem a buscar soluções ou, a falta dessa interação, tem relação direta com o desenvolvimento cognitivo.

No entanto, o que vemos, é a pouca importância que a escola dá à expressão dos alunos, devido à organização do tempo curricular, onde supervalorizam o uso de exercícios repetitivos e mecânicos, tais como: "cópias" e "treinos ortográficos", contribuindo assim, para a perpetuação do autoritarismo em nossa sociedade.

A educação não é neutra, ou educamos para a submissão e manutenção das estruturas vigentes, ou educamos para a emancipação, para o questionamento, para a verdadeira mudança e transformação do que estamos vivendo. É necessário atentar para a relação professor/aluno no espaço escolar, revendo o papel dos educadores e o seu compromisso com a formação de outras pessoas. Afinal, o que se pretende formar:

> Indivíduos que se calem submissos diante de um poder qualquer, ou cidadãos capazes de legitimar suas posições, argumentando e defendendo seus direito? O professor precisa estimular o aluno a expressar-se, sem medo ou vergonha de sua fala, num clima de confiança e companheirismo, levando a criança a construir sua auto-estima e sua autonomia para que possa tornar proveitoso o uso da linguagem. (MARIA, 2002, p.40).

Por mais que os meios de comunicação possam dar conta de uma série de informações, todos sabemos que a apreensão em maior profundidade e de aspectos mais específicos à determinada área do conhecimento, bem como uma postura investigadora, só será possível com a prática da leitura. O acesso aos livros e similares que abordam criticamente a estrutura hierárquica da sociedade em que estamos inseridos bem como sua face discriminatória é sem dúvida um instrumento de luta que

precisa estar ao alcance das classes menos favorecidas. Se pretendemos inserir a criança num mundo permeado pela escrita, passando-lhe informações que lhe permitam situar-se e atuar criticamente na realidade, sem dúvida a escola deve transformar cada criança em um leitor.

É preciso exercitar constantemente a certeza de que se aprende a ler lendo. E no Brasil, a oferta de textos de literatura infantil, textos divertidos e estimulantes que aí estão à espera de leitores, é extremamente rica. Por isso, promover o contato das crianças principalmente as de classes populares, com esses textos é uma das primeiras e, talvez a mais importante tarefa da escola na atualidade. Infelizmente, mesmo famílias de classe média, que tem condições de oferecer livros aos filhos não incorporaram o valor cultural do livro e a importância da literatura na formação dos mesmos.

O caminho que vai do aprendizado inicial da leitura até a completa autonomia do leitor, capacidade de recolher subsídios para a atualização de conhecimentos em materiais escritos, passa sem dúvida pelo prazer de ler. E quando se fala em prazer relacionado à leitura, há que se falar em literatura, pois este é o texto por excelência que fala mais diretamente aos sonhos, anseios e desejos do ser humano.

> Para a criança, imaginar é uma forma de conhecer. Através do contato com o mundo simbolizado na literatura, a criança viaja para dentro ou para fora de si mesma, experimentando, por empatia, as sensações vividas pelos personagens e esta é uma forma de autoconhecer e de conhecer o universo que a rodeia. A literatura, o mundo por ela representado, é a recriação de uma realidade histórica e social em que o escritor se encontra inserido, e assim, a literatura, mesmo para a infância, será sempre uma forma de desvelamento da realidade. (MARIA, 2002, p.44).

Cabe à escola não apenas promover o encontro da criança com o mundo da escrita, ela precisa inserir a criança neste mundo. Fazendo-a atuar não apenas como leitora e receptora da escrita, mas também, como autora, produtora, editora, e como difusora da mesma.

A criança precisa participar da elaboração de diferentes textos produzidos pela escola, sejam eles feitos por meio de cartas, cartazes ou, até a criação de um

jornal. É fundamental que as crianças escrevam na escola, e tenham autonomia na participação desta escrita, pois seja ela qual for, requer sempre a leitura.

Escrever, no verdadeiro sentido é dar forma organizada ao discurso interno, é expressar o próprio pensamento "(...), é a partir da escrita que a criança vai organizando o seu conhecimento da realidade, o seu conhecimento do outro e de si mesma". (MARIA, 2002, p.46).

A escola deve criar oportunidades para que a criança escreva e não apenas copie, desafiando-a à livre expressão, colocando-a em situações em que possa "falar" e "escrever", com confiança e segurança de modo a fortalecer sua auto-estima e facilitar sua progressão e crescimento como pessoa.

A escola deve dimensionar o verdadeiro sentido da leitura e da formação de leitores no mundo moderno, pois se vivemos numa sociedade letrada, o acesso à informação escrita é condição indispensável à própria participação social.

Ainda é preciso enfatizar que, para acompanhar o processo de formação do aluno-leitor, é imprescindível que o professor tenha construído ou esteja construindo para si próprio uma história de leitor, e que ele esteja a cada momento lendo e relendo a realidade à sua volta. Pois,

> cumpre sua função a escola e o professor que colaboram para que os alunos cheguem a dominar a obscura linguagem do meio em que estão inseridos, capazes de apreender as significações ocultas nas entrelinhas, conscientes e em condições de, a qualquer momento, refazer o traçado de seu caminho. Cumpre a sua função a escola que é capaz de não uniformizar o modo de pensar e que seja capaz de fazer do questionamento e da criatividade a fórmula para que um novo homem seja inventado. Não um mero repetidor de conceitos, não um simples copiador do já-feito e já-vivido, não alguém moldado para a submissão, mas um ser que traga em germe a expressão de um dinamismo voluntário e lúcido, enfim, alguém que se construa enquanto homem e assuma habitar historicamente o seu espaço, lembrando que, habitar significa deixar vestígios. (MARIA, 2002, p.49).

A escola verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento do indivíduo, favorecendo sua plena participação social e o acesso à informação, capacitando-o a expressar e defender seus

pontos de vista, partilhando e construindo visões de mundo, produzindo assim seu próprio conhecimento.

Para isso, a criança deve ter oportunidades para vivenciar desde o início de seu convívio na escola, a finalidade da escrita, o porquê de se aprender a ler e escrever, para que serve esse conhecimento. É preciso oferecer à criança, materiais de leitura que tenham sentido, criando situações em que fique evidenciada a utilização da escrita: um mundo social, cultural, econômico, industrial, onde há pessoas que vivem da produção de escrita, bem como da edição de textos e comercialização de materiais impressos.

A criança que percebe o longo caminho percorrido por um material impresso qualquer, que consegue perceber as várias etapas do processo de produção do livro didático ou do livro de histórias que ela acabou de ler, e as pessoas que estiveram envolvidas neste processo, sem dúvida terá maior consciência da importância da escrita no mundo em que vive.

É importante que a escola reconheça a realidade que a circunda e faça uso do que existe, para que seus alunos tenham uma representação, o mais realista possível, da presença da escrita na vida social.

É preciso lembrar que o acesso aos diferentes materiais de leitura são mediadores importantes, mas não determinam decisivamente a formação de bons leitores, embora facilitem a apropriação dos conceitos relacionados à natureza da linguagem escrita.

Faz-se necessária a organização de um ambiente alfabetizador ou leiturizador (FOUCAMBERT, 1994, p.38), ou ainda de uma sala de aula textualizada, que possua um ambiente estimulante, no qual se integre a vida cotidiana da criança com suas atividades de aprendizagem (CELIS, 1998, p.88), fatores essenciais para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da aquisição do gosto pela leitura.

A escola deve sair da posição de simples "transmissora" do conhecimento passando a ser "formadora" de crianças aptas a construir conhecimentos, priorizando a autonomia como condição essencial para elas dentro e fora do âmbito escolar para que dêem continuidade ao processo de aprender.

Segundo Maria (2002), para se pensar a educação nos dias de hoje, é necessário questionar todo o seu processo, desde a sua base mais elementar, que significa questionar o próprio conceito de "alfabetizado" e o verdadeiro sentido da expressão "saber ler", dando à questão da leitura a dimensão exata que ela deve ter no processo de formação do homem contemporâneo.

O prazer pela leitura está intimamente associado a essa espécie de desafio, decorrente da liberação de energia, cuja intensidade dependerá da capacidade de entrega do leitor. "Prazer puro, que poderá ser renovado e diversificado, na medida em que se proponham novos desafios a ele". (CUNHA, 1999, p.48).

De maneira geral, a literatura amplia e enriquece a visão da realidade de um modo específico, permitindo ao leitor a vivência intensa e, ao mesmo tempo, a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana. "A literatura é o lugar privilegiado em que a experiência 'vivida' e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a 'verdade' e sim a 'validade' de uma interpretação profunda da realidade transformada em experiência". (CUNHA, 1999, p.63).

A literatura infantil abre horizontes, propõe reflexão e recriação dos fatos, estabelecendo a divergência, e não a convergência, e suas verdadeiras possibilidades educativas devem ser exploradas, vivenciadas ao máximo na escola.

2.3 LITERATURA INFANTIL: O PRAZER DE LER

Segundo Cunha (1999, p.36), "todo educador, ao possibilitar o contato da criança com o livro, pretende criar nos pequenos leitores o hábito de ler, pretende que a criança e o jovem tenham, pela vida afora, a literatura como forma de enriquecimento".

Esse objetivo é louvável, uma vez que a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar o repouso e alienação – daí a massificação, como ocorre com a maioria dos programas de televisão, que neutralizam nossa capacidade de pensar, julgar e refletir sobre o que nos é transmitido – a leitura, exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor-leitor. Logo, é muito importante que a escola procure desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo, sobre os quais a literatura apresenta papel relevante.

A experiência, ao longo dos anos, tem mostrado que no princípio de sua vida, a criança vê o livro como um brinquedo tão interessante quanto os outros que possui, pois algo de mágico e encantador envolve-a no decifrar do desenho, das palavras e a criança se interessa muito por decifrar esses mistérios. E cada vez mais é surpreendente a enorme diversidade das crianças, com relação ao que preferem ler: literatura, livros informativos, enciclopédias, revistas e outros. Dessa maneira, cabe à escola propor à criança atividades que tornem o livro literário uma fonte de prazer e enriquecimento valorizando e aprimorando-se desta ligação que a mesma estabeleceu com o livro desde seus primeiros anos de vida.

Isto quer dizer que a literatura infantil deve apresentar mensagens instigantes a ponto de desafiar o leitor, propondo-lhe problemas cujas soluções dependem de sua habilidade e de sua capacidade criativa para dar respostas a novas situações.

Fonte de informação e prazer, a literatura deve ocupar um espaço de real importância na vida da criança, pois exerce papel fundamental no seu processo de

ensino e aprendizagem, por ser capaz de situar o indivíduo diante de si mesmo e de seu contexto, possibilitando-lhe a percepção de variados pontos de vista, e por estimular sua criatividade.

Segundo Freire (1982, p.1-2), "a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. (...) A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto". Para o autor, linguagem e realidade se prendem dinamicamente e a leitura torna-se fundamentalmente um ato de conhecimento. Nesse sentido, é preciso ressaltar a grande importância de se contar histórias, cabendo ao professor a arte de despertar na criança as emoções nelas contidas e a sua intencionalidade e essência, para poder vivenciá-la com as crianças.

Contar uma história é fazer a criança sentir-se identificada com os personagens, é trazer o enredo à presença do ouvinte, é fazer com que ele se incorpore à trama da história como parte dela. Por isso, mais do que nunca:

> Nos tempos de escuridão e falta de humanidade que hoje enfrentamos, o ato de contar histórias não somente amplia o horizonte cultural das crianças e promove o enriquecimento lingüístico e literário, mas também coloca em jogo a energia regeneradora da afetividade e amor feito doação na disponibilidade do contador, vindo a completar a formação equilibrada dos pequenos na sua relação com eles mesmos e com o mundo. (VALOTTO, 1997, p.10).

Considerando-se, pois, que o ato de ler é fundamentalmente um ato de construção do conhecimento, conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as. Assim sendo, dentre os muitos motivos para se contar histórias em sala de aula, destacam-se alguns:

- despertam o gosto pela leitura;
- instruem e enriquecem o vocabulário infantil;

- educam e estimulam o desenvolvimento da criatividade, imaginação, memória, reflexão e linguagem;
- cultivam a sensibilidade, e educam;
- auxiliam na formação de leitores e melhores escritores;
- ajudam a ler também o que não está escrito (as entrelinhas), estabelecendo relações entre o texto que se lê, outros já lidos e o mundo;
- contribuem na formação de cidadãos que por meio delas, poderão estabelecer relações entre o bem e o mal, o certo e o errado, o feio e o belo.

Segundo Abramovich (1995, p.17) "ler histórias para crianças é interagir com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor é, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento".

É por meio de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos e até outros jeitos de agir e de ser; é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo, porque se tiver que saber, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática.

Para se contar uma história, seja ela qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, entra-se em contato com a música e a sonoridade das frases, dos nomes, capta-se o ritmo, a cadência do conto.

Contar histórias é uma arte, é ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido; ela é o uso simples e harmônico da voz.

Por isso, é bom que o narrador que esteja contando a história crie todo um clima de envolvimento, de encanto,

> que saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1995, p.21).

Além disso, Abramovich (1995) afirma que é preciso:

- evitar as descrições imensas e cheias de detalhes;
- saber usar as modalidades e possibilidades da voz;
- saber começar o momento da contação e ainda mostrar à criança que o que ouviu, está impresso e que ela poderá voltar a ele tantas vezes quantas queira;
- e que quando a criança for manusear o livro sozinha, o folheie bem folheado, olhe tanto quanto queira, explore sua forma, se delicie em retirá-lo da estante, vire página por página até reencontrar aquele momento especial que estava buscando.

Ouvindo histórias a criança pode sentir também emoções importantes como: tristeza, raiva, irritação, bem estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranqüilidade e tantas outras. Também é possível viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não brotar; pois é o ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

A partir do momento em que a criança tem o contato com diferentes histórias, inicia-se a aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

É claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa, qualquer uma, desde que o contador a conheça bem.

O critério de seleção da história a ser contada é do narrador, e o que pode suceder depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que eles estão vivendo, as referências e do quanto saiba aproveitar o texto que está sendo trabalhado.

Para a criança, "ouvir histórias é viver um momento de gostosura, prazer e divertimento. É encantamento com os melhores momentos da história ouvida, pois o livro da criança que ainda não lê é a história contada". (ABRAMOVICH, 1995, p.24).

A seguir serão descritas as atividades que intermediaram a aproximação das crianças, com o professor e a literatura no Projeto Fazendo Escola que deu origem a esta monografia.

3 DESCRIÇÃO DO PROJETO

Dentre as muitas histórias trabalhadas na Escola Municipal Castro, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura, deu-se maior ênfase às histórias abaixo relacionadas:

- Os Três Porquinhos;
- Pinóquio;
- A Cigarra e a Formiga;
- O Rei Leão I e II.

Considerando que as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar, procurei também selecionar algumas que transmitissem valores que são fundamentos universais que regem a conduta humana.

Elas foram escolhidas porque são úteis na reflexão de valores e ajudaram as crianças a entenderem alguns comportamentos humanos, levando-as a avaliarem determinadas atitudes das personagens envolvidas em cada história. Por exemplo:

- toda vez que Pinóquio dizia uma mentira, o seu nariz crescia;
- a Cigarra cantou no verão, mas chorou no inverno;
- dois porquinhos construíram casas "mal feitas" e tiveram que fugir do Lobo Mau.

"Os valores (...) são elementos essenciais para viver em constante evolução, baseada no autoconhecimento em direção a uma vida construtiva, satisfatória, em harmonia e cooperação com os demais." (DOHME, 2000, p.22).

Além de buscar desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, desejava proporcionar-lhes experiências que aumentassem a sua vivência e suas possibilidades dentro do relacionamento social.

Após os alunos terem apreciado as histórias contadas, foram envolvidos nas diferentes atividades propostas e descritas abaixo. Realizou-se uma pesquisa junto aos alunos participantes do projeto, totalizando 30 crianças de 07 a 08 anos de idade, as quais responderam ao questionário (apêndice) fornecendo os resultados também apresentados a seguir (gráficos 1 a 6).

3.1 ANÁLISE

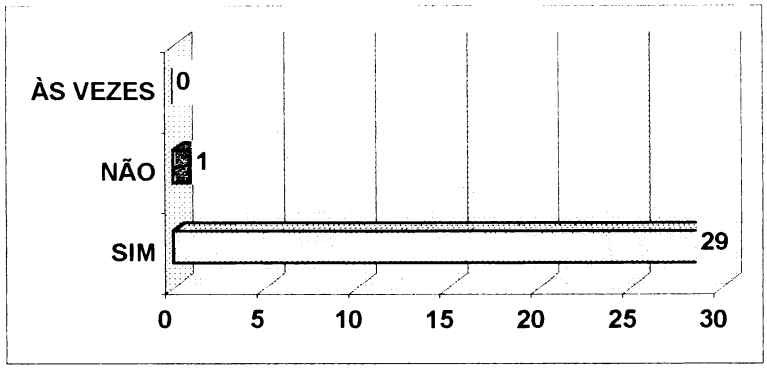
Nas atividades de análise de leitura, o trabalho de reflexão sobre a língua é importante por possibilitar a discussão sobre diferentes sentidos atribuídos aos textos e "seu objetivo principal é melhorar a capacidade de compreensão e expressão dos alunos, em situações de comunicação tanto escrita como oral". (PCNs, Língua Portuguesa, 1997, p.78).

Os alunos precisam compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz.

Em cada uma das histórias trabalhadas, houve diálogo com as crianças, estimulando-as e buscando desenvolver o senso crítico e a formação de valores.

Nesse processo fizemos discussões, questionamentos que provocavam as crianças, ampliando assim seus horizontes e sua capacidade de argumentação diante dos fatos apresentados em cada história.

GRÁFICO 1 - VOCÊ GOSTOU DAS HISTÓRIAS QUE FORAM TRABALHADAS?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

De acordo com os instrumentos de pesquisa, pôde-se constatar que as crianças, em sua maioria, gostaram das histórias que foram trabalhadas no decorrer deste projeto, mostrando-se satisfeitas.

3.2 ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E PINTURA

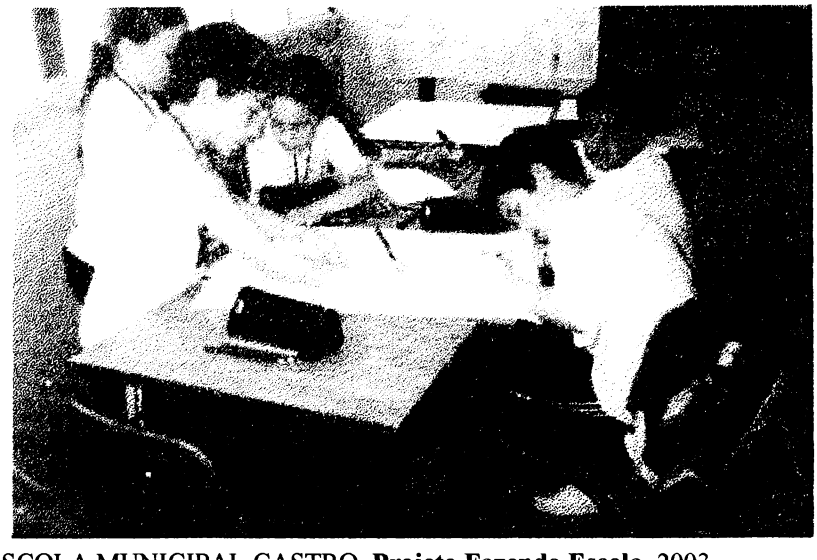
Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Arte, 1997) as artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura ...), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão ...).

Cada uma dessas visualidades é utilizada de modo particular e "em várias possibilidades de combinações entre imagens, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes maneiras." (PCNs, Arte, 1997, p.61). Tal aprendizagem, favorece compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade, seus conceitos e se posicione criticamente. Para tanto, "a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade,

conhecimento e produção artística pessoal e grupal." (PCNs, Arte, 1997, p.61).

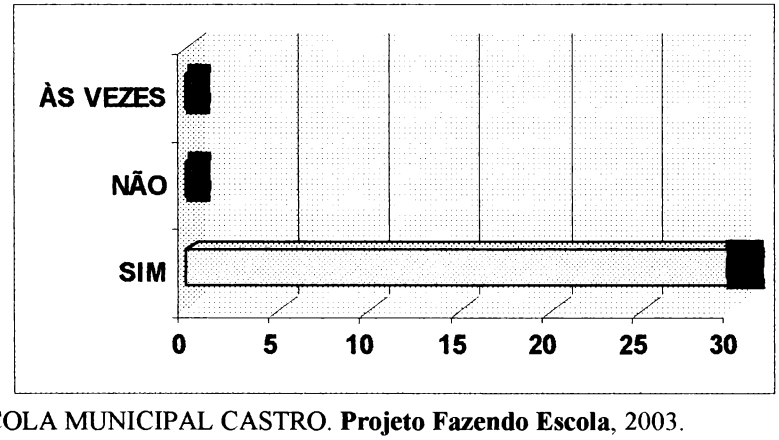
As crianças puderam expor em forma de escrita, ilustração e pintura, a compreensão que obtiveram das histórias trabalhadas, apresentando um resultado concreto daquilo que leram e ouviram, descobrindo-se sujeitos de sua própria história, num exercício crescente de amadurecimento como leitores e transformadores de seus conhecimentos em arte (figura 1).

FIGURA 1 - ESCRITA, ILUSTRAÇÃO E PINTURA: A CIGARRA E A FORMIGA – TRABALHO EM GRUPO



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

GRÁFICO 2 - DAS HISTÓRIAS CONTADAS, VOCÊ SE IMAGINOU SENDO UM DOS PERSONAGENS?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

Neste gráfico, mostra-se claramente que as crianças deixaram-se envolver pela imaginação e pelas suas emoções, conseguindo imaginar-se como personagens participantes das histórias trabalhadas.

3.3 MÚSICA, DANÇA E BRINCADEIRA

Para Train (1996) a música e a dança representam a expressão humana e, portanto, sua cultura. Por meio delas, o ser humano expressa suas emoções e sentimentos em relação a si mesmo e ao mundo que o cerca. Toda ação humana envolve a atividade corporal. "A criança é um ser em constante mobilidade e utiliza-se da dança para buscar o conhecimento de si mesma e daquilo que a rodeia, relacionando-se com objetos e pessoas. A ação física é necessária para que a criança harmonize de maneira integradora as potencialidades motoras, afetivas e cognitivas." (PCNs, Arte, 1997, p.67). Da mesma forma, desde cedo, a criança já está rodeada de sons e ela deve ser incentivada a interagir com o mundo sonoro. Essa interação deve partir da experiência, da descoberta e das atividades musicais.

"A brincadeira também é um dos métodos característicos da manifestação infantil, sendo um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do seu desenvolvimento." (LIMA, 1991, p.103).

Nesta atividade utilizei a música "Fui à Espanha" para a apresentação de uma brincadeira cantada que envolveu todos os alunos da turma.

Eles confeccionaram um chapéu para a apresentação, e construíram conhecimentos e aprendizagens eficazes na medida em que as atividades desenvolvidas tinham sentido, relevância e propósito (figura 2).

FIGURA 2 - BRINCADEIRAS CANTADAS

FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

3.4 DRAMATIZAÇÃO

O ato de dramatizar, segundo os (PCNs, Arte, 1997) está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente. "Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações ..." (PCNs, Arte, 1997, p.83).

Por isso, após termos trabalhado com as diferentes histórias, surgiu a idéia, na turma, de apresentarmos/dramatizarmos algumas destas. Nos organizamos, e juntos montamos o texto e o roteiro que seriam seguidos para a dramatização.

Os alunos apresentaram as histórias "Os Três Porquinhos" e "A Cigarra e a Formiga" para todas as turmas da escola, viabilizando a troca de experiências entre as mesmas; e, passando aos colegas, os valores contidos em cada história. Dramatizando as crianças vivenciaram a função mágica da literatura, podendo adentrar em uma outra realidade, com suas emoções e perigos, experimentando o prazer de representar e fazer parte das histórias lidas e ouvidas (figuras 3 e 4).

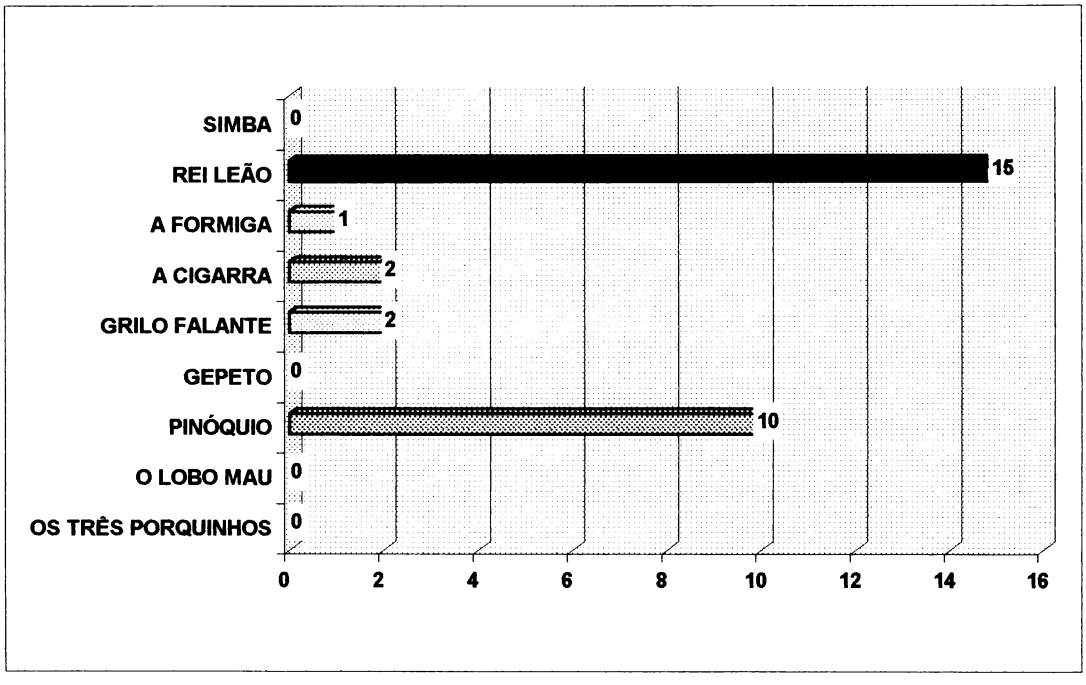
FIGURA 3 - DRAMATIZAÇÃO: OS TRÊS PORQUINHOS

FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

FIGURA 4 - DRAMATIZAÇÃO: A CIGARRA E A FORMIGA

FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

GRÁFICO 3 - QUAL PERSONAGEM VOCÊ IMAGINOU SER?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

De acordo com os dados aqui expostos, fica evidente que as crianças imaginaram-se como diferentes personagens e que o Rei Leão, um dos personagens "mais vivenciados" por eles em sua criação, conseguiu de certa forma expressar mais

verdadeiramente o que as crianças buscam em suas fantasias, que é: o herói, o amor, o companheirismo e a segurança, valores preciosos que estão presentes na história e são transmitidos pelo personagem.

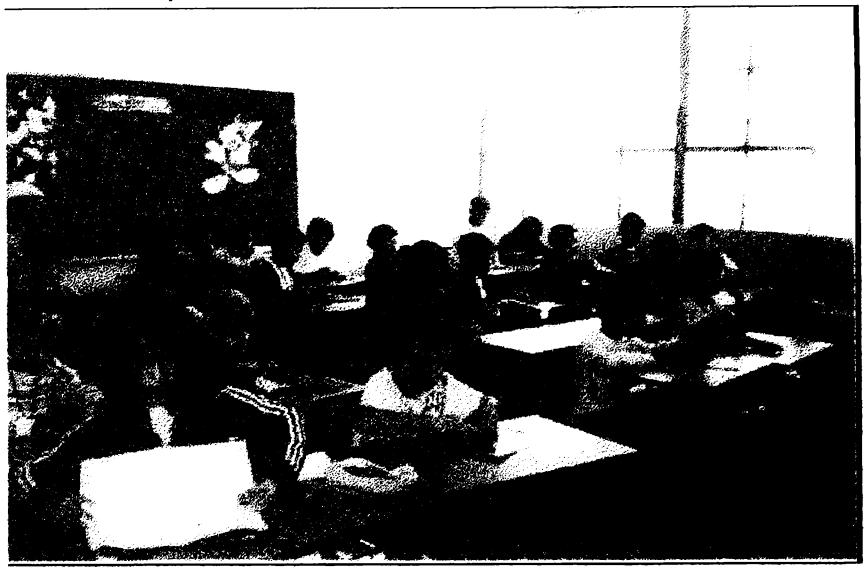
3.5 DOBRADURAS

Como parte integrante da arte-educação, "a dobradura pode ser classificada como um recurso que concorre para a interdisciplinaridade dentro do currículo escolar, uma vez que por meio dela, outras atividades podem ser estimuladas, tais como: desenhos, pinturas, colagens, recortes, dramatizações, criação de histórias, associação das personagens com canções e histórias da literatura." (ASCHENBACH, 1997, p.16).

A atividade de manipular uma folha de papel lisa, amassada, torcida ou mesmo dobrada é de grande valia no desenvolvimento sensório-motor da criança, levando-a a executar movimentos e a produzir ruídos. É a partir desses movimentos que a criança começa a tomar consciência do próprio corpo, do próprio ritmo. "Os movimentos de dobrar contribuem para que, nessa fase, a criança afirme sua dominância lateral, oriente-se em relação a si mesma, adquira controle sobre suas ações ..." (ASCHENBACH, 1997, p.54).

Considerando-se este contexto, nossa turma realizou a dobradura do chapéu utilizado na brincadeira cantada e também a dobradura de uma arara, depois de ouvirmos a história sobre a mesma. Nesta atividade, buscou-se desenvolver as habilidades manuais dos alunos, sua coordenação visomotora, e todas as possibilidades de aprendizagem, citadas anteriormente e, estimuladas pelas dobraduras.

FIGURA 5 - A CONFECÇÃO DO CHAPÉU



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

3.6 JOGOS

Considerando-se que as crianças aprendem por meio dos sentidos, dos movimentos e das ações, o jogo torna-se uma estratégia de ensino muito importante, pois estimula a interação, a participação, a curiosidade e a criatividade. A situação de jogo, colocada dentro do interesse e possibilidades da criança, estimula a ação e o pensar, libera coragem e aventura na direção do novo.

Dante (1996) afirma que o desafio da descoberta leva a criança a refletir, a manipular, a agir para solucionar uma situação-problema. O jogo lhe dá prazer, ela aprende brincando e satisfeita. O jogo é uma brincadeira e a brincadeira é inerente a qualquer criança. É um excelente instrumento que ela usa para perguntar, explicar, representar e criar. Quando brinca, a criança tem liberdade de ação física e mental e toma decisões, agindo de maneira transformadora sobre assuntos que tenham significado para ela, colocando para fora suas fantasias, desejos, medos e sentimentos, percebendo-se no mundo e compreendendo melhor o ambiente que a rodeia.

Neste trabalho, propôs-se a confecção e montagem de quebra-cabeças – que desenvolveram atenção, concentração e percepção – das crianças. As mesmas produziram textos que foram lidos aos demais colegas, incentivando-os mutuamente em relação à leitura.

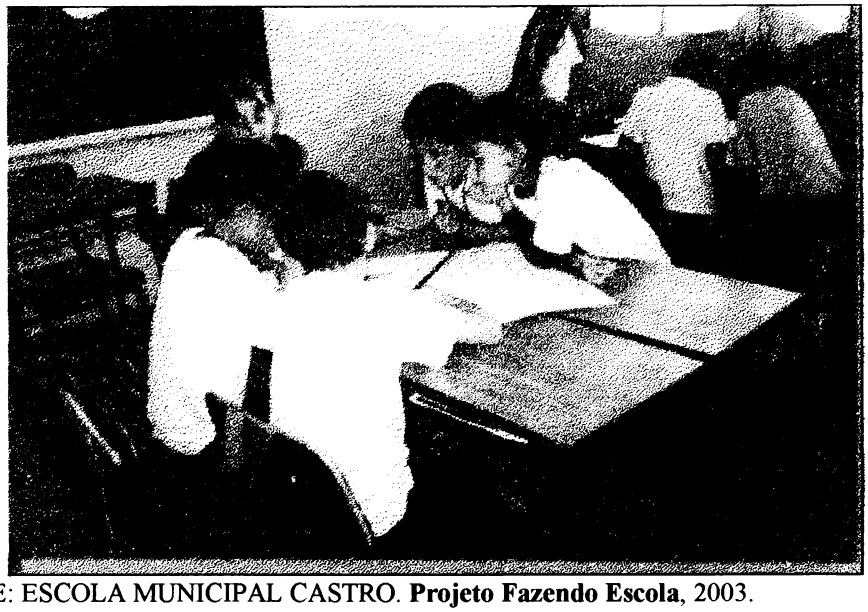
Essa atividade resultou numa aprendizagem significativa porque está diretamente relacionada com o prazer que a criança pôde alcançar na confecção do jogo e da produção escrita sobre algo que ela mesma criou.

3.7 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Iannone (1994) afirma que ler histórias em quadrinhos é muito bom. Esse meio de comunicação, uma das mais fantásticas criações artísticas do homem, transporta-nos ao mundo da magia e do encantamento. Os enredos cheios de imaginação, narrados por meio de imagens alegres e textos rápidos, são o nosso passaporte para o reino da fantasia, onde prevalece o sabor do faz-de-conta. "O enorme poder de comunicação das histórias em quadrinhos é inegável, elas incentivam o leitor a buscar outros textos e a desenvolver o senso de observação das imagens." (IANNONE, 1994, p.81).

Esta atividade proposta, buscou envolver os alunos neste mundo de fantasia e imaginação, e foi realizada em grupo, no qual cada criança contribuiu para a escrita e a ilustração da história "A Cigarra e a Formiga", montando a seqüência da mesma; inicialmente, com a elaboração de um texto narrativo e, posteriormente, com a escrita por meio de um diálogo. As crianças puderam participar como sujeitos ativos frente à leitura dando significado ao que liam e escreviam, despertando ainda, a curiosidade de outras crianças, em relação aos livros de histórias (figuras 6 e 7).

FIGURA 6 - HISTÓRIA EM QUADRINHOS – TRABALHO EM GRUPO

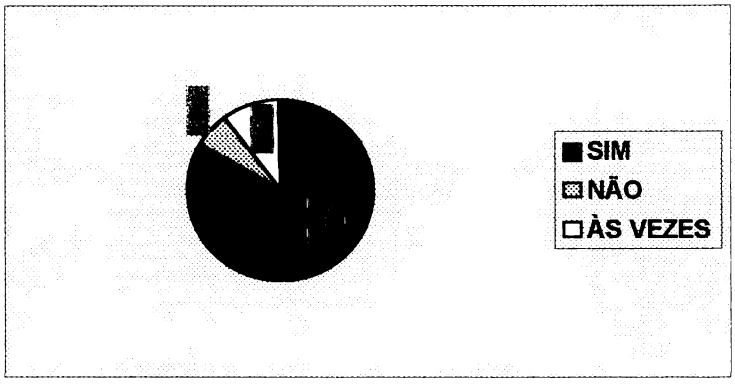


FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

FIGURA 7 - HISTÓRIA EM QUADRINHOS – FOTOS DAS ATIVIDADES

FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

GRÁFICO 4 - AS HISTÓRIAS AJUDARAM VOCÊ A MUDAR SEU COMPORTAMENTO, EM CASA E NA ESCOLA?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

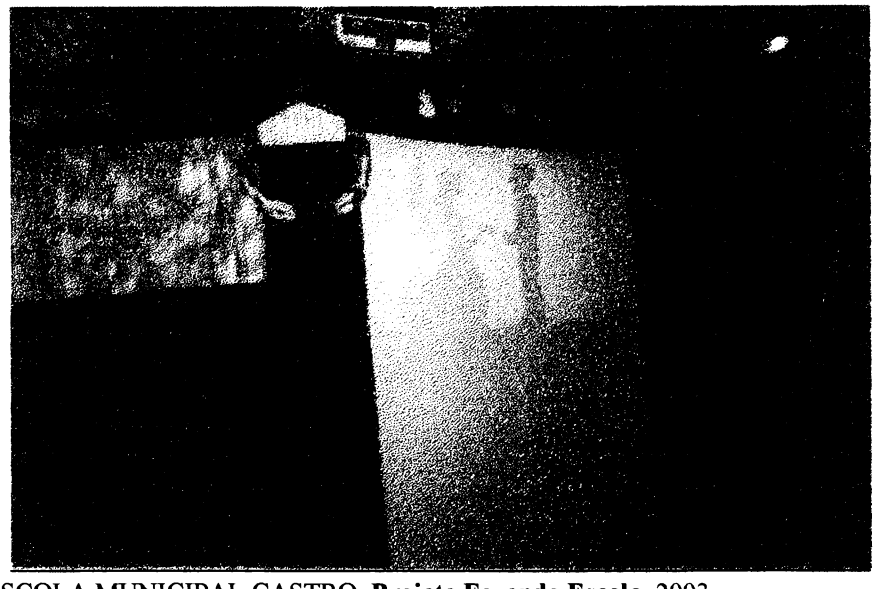
Percebe-se no gráfico 4, que as histórias de maneira geral, contribuíram positivamente na mudança do comportamento dos alunos, servindo-lhes como alicerce nas tomadas de decisões e nas suas atitudes.

3.8 VISITA AO TEATRO DE BONECOS

Realizou-se uma visita ao Teatro de Bonecos, na cidade de São José dos Pinhais – Paraná, localizada na Região Metropolitana de Curitiba. As crianças vivenciaram momentos de leitura e apresentação de histórias, fora do ambiente escolar; conhecendo e reconhecendo diferentes formas de teatro (teatro de vara, fantoches, sombra, animação, marionetes, etc.), valorizando, assim, a arte de saber ouvir.

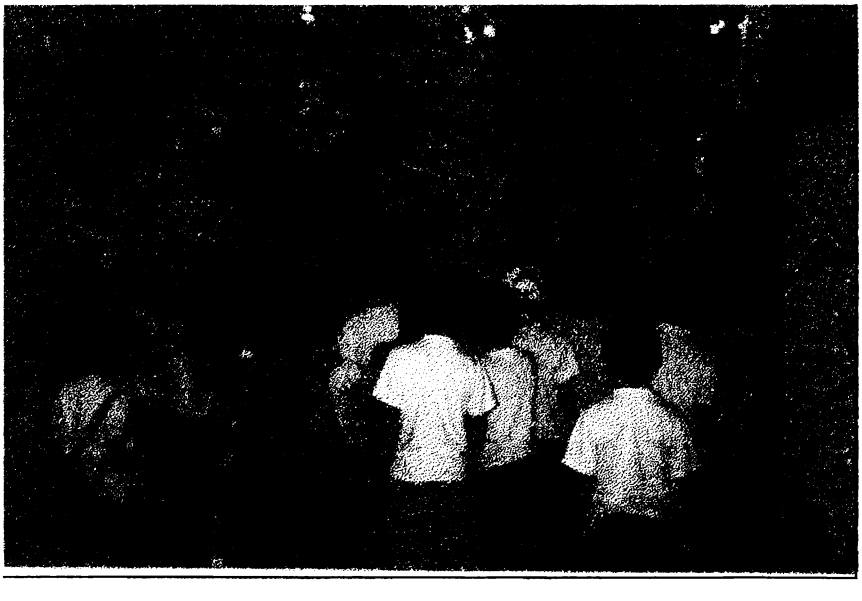
Sabemos que por intermédio da escola o aluno pode contatar com outros segmentos sociais que o aproxima dos livros e histórias e, para isso, professores e todas as pessoas que se ocupam diretamente com a educação devem estar abertas ao convívio com a leitura literária, em espaços diversos ao da escola (figuras 8 e 9).

FIGURA 8 - SOMBRA



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

FIGURA 9 - FANTOCHES

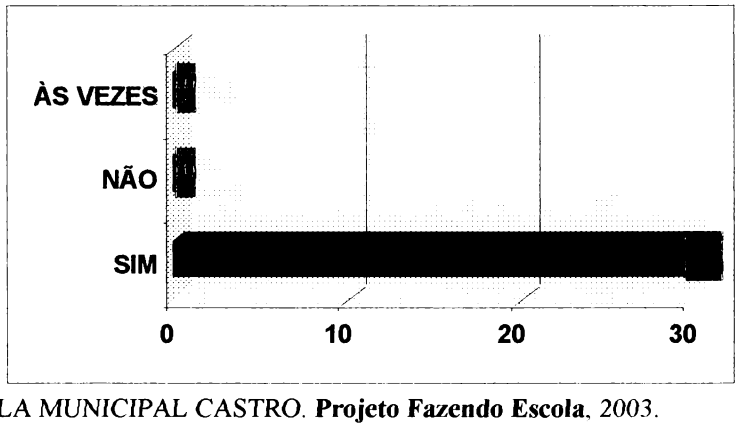


FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

3.9 HORA DA HISTÓRIA

Buscando proporcionar aos alunos a aquisição do hábito e o prazer pela leitura, por meio de diversas histórias lidas e ouvidas, é que junto aos alunos, estipulei dois dias da semana, em que eram escolhidas duas crianças para contarem aos colegas as histórias lidas, favorecendo assim, a troca de idéias, despertando a curiosidade e a capacidade de argumentação de cada um dos alunos. O sentido e significação da história surgiam da interação que se estabelecia entre o leitor e o texto, uma vez que os mesmos já haviam lido a história em casa, passando a contá-la aos demais colegas da turma.

GRÁFICO 5 - VOCÊ TEVE ACESSO À DIFERENTES LIVROS DE LITERATURA?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

O gráfico 5 nos mostra que as crianças tiveram acesso à diferentes livros de literatura em sala de aula e também utilizaram-se do "Farol do Saber"[2] Biblioteca que localiza-se na própria escola, onde alguns inclusive fizeram suas carteirinhas para o empréstimo de livros. Houve também muitas crianças que trouxeram livros de casa

---

[2] Farol do Saber – Bibliotecas construídas no terreno das escolas municipais ou em suas proximidades. A construção do Farol do Saber foi inspirada na Biblioteca de Alexandria – a primeira biblioteca do Egito. Lá também havia um farol que servia para sinalizar a metrópole egípcia. Nos faróis, alunos, professores e pessoas da comunidade podem fazer pesquisas e pedir livros emprestados.

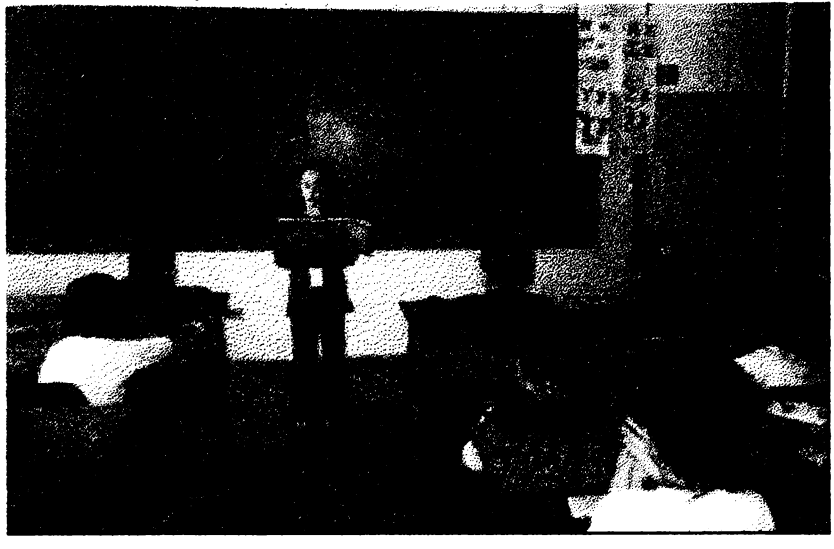
para que a professora contasse a história para a turma, contribuindo assim para o conhecimento e o despertar de outras histórias infantis.

3.10 DIÁRIOS DA TURMA

Além de desenvolver o hábito pela leitura, este projeto buscou estimular produções orais, escritas e também outras linguagens (teatrais, musicais ...), levando o aluno a compreender a função social da leitura e da escrita como forma de comunicação humana. Considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados, é que juntamente com os alunos construímos os "Diários da Turma", de forma que estes pudessem perceber de maneira mais concreta esta relação entre leitura e escrita.

A cada final de semana, três alunos levavam para casa os Diários da Turma, para escreverem e, posteriormente lerem e/ou contarem aos colegas aquilo que fizeram em seu final de semana. Nesta prática, a leitura e a escrita estavam relacionadas às experiências das crianças, respondendo assim às exigências funcionais de sua realidade imediata (figura 10).

FIGURA 10 - HISTÓRIAS QUE OUVIMOS



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

3.11 OUTROS TEXTOS

Todo ato de linguagem possui um significado, um contexto, uma função social e se manifesta em textos. Por isso, além das histórias que foram trabalhadas, também foram utilizados outros tipos de textos que contribuíram para desenvolver a opinião e o senso crítico de cada aluno.

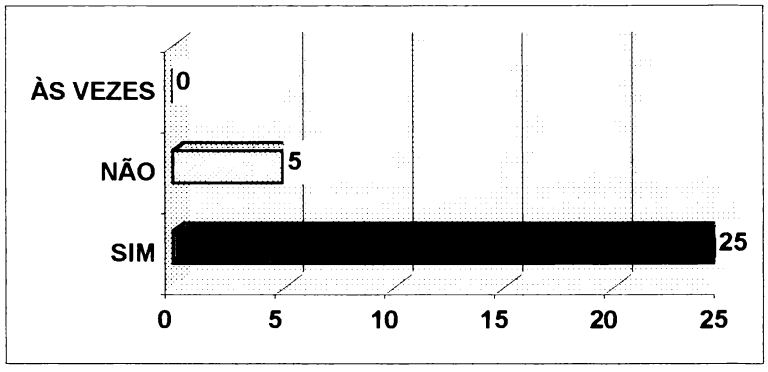
Foram confeccionados painéis com textos que já haviam sido trabalhados anteriormente, e que serviram de apoio para outros questionamentos levantados pelos alunos. Eles sentiam-se motivados a questionar todo tipo de texto que lhes eram apresentados: cartões, letreiros, anúncios, bilhetes e outros.

Todas as atividades propostas neste projeto foram realizadas com atendimento e intervenção da professora sempre que houve necessidade para que eles mesmos se organizassem, administrassem e tomassem decisões, levando os alunos a adquirirem o gosto pela leitura, estimulando-os à mútua ajuda e despertando-os para a valorização de seus trabalhos e suas opiniões (figura 11).

FIGURA 11 - VISITA À BIBLIOTECA

FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

GRÁFICO 6 - VOCÊ CONVERSOU COM SEUS COLEGAS SOBRE AS HISTÓRIAS TRABALHADAS?



FONTE: ESCOLA MUNICIPAL CASTRO. **Projeto Fazendo Escola**, 2003.

Este gráfico nos mostra, que as histórias trabalhadas durante este projeto, foram essenciais e muito contribuíram para o desenvolvimento oral das crianças, uma vez que estas puderam conversar com seus colegas e familiares, sobre as histórias, expondo suas idéias e opiniões de forma agradável e descontraída, reafirmando assim o alcance dos objetivos anteriormente propostos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face da experiência desenvolvida, destaca-se como ponto essencial a necessidade de desvelamento da prática pedagógica dentro da relação criança/professor/literatura, buscando a superação daquilo que vem sendo proposto em relação ao trabalho com a literatura infantil.

O que se percebe a partir da prática descrita nesta monografia, é que a vivência prazerosa que os alunos estabeleceram com os textos literários, transformaram-se em instrumentos eficazes abrindo caminhos na formação de leitores como sujeitos de sua própria história. O comportamento dos alunos diante das histórias lidas e ouvidas foi surpreendente, pois, muitas vezes sorriram, falaram e outras vezes até calaram, incorporando a trama dos personagens apresentados em cada livro folheado, em cada texto lido, em cada história dramatizada.

A literatura foi sendo descoberta aos poucos, transformando-se em momentos de descontração e os alunos descobrindo-se leitores, movidos pelo seu encanto e magia, interagindo com ela e lhe dando forma na medida em que argumentavam, criticavam e defendiam suas opiniões nas diferentes situações que lhes eram propostas.

Os textos literários valorizaram a inteligência da criança e sua capacidade interpretativa, favorecendo a compreensão da função social da leitura e escrita dentro e fora do universo escolar, nos momentos em que foi possível sentir, perceber e vivenciar o elo que se estabelecia entre o leitor e o mundo circundante.

A presença do lúdico nas diversas atividades que envolviam dramatizações, jogos, brincadeiras, ficou marcada pela satisfação e curiosidade que os alunos demonstravam a cada novo dia, em cada nova história, possibilitando o alargamento das fronteiras do mundo já conhecido pelos mesmos, colocando-os em contato com novas realidades e experiências de vida.

A metodologia aqui proposta na abordagem da literatura infantil em sala de aula, foi apresentada com o intuito de provocar uma reflexão – ação sobre a importância e o espaço que o texto literário tem ocupado dentro da escola, contribuindo para que práticas como esta não se esvaziem no discurso, favorecendo um trabalho com a literatura infantil que possibilite abrir novos caminhos na formação de leitores.

Contudo, a partir das ações aqui desenvolvidas, evidenciou-se que "a formação do aluno leitor depende necessariamente do professor leitor. A paixão pela leitura não é algo casual, pois ela se alimenta da exemplaridade que desencadeia o interesse, a motivação e o encantamento pelo mágico mundo da fantasia". (SARAIVA, 2001, p.84).

O professor precisa mostrar à criança que gosta de ler, desvelando-lhe a beleza da língua, reafirmando a idéia de que o livro é algo bom, um amigo que está ao nosso lado e ao qual podemos recorrer a qualquer momento.

As considerações aqui expressas, invocam um olhar sobre a trajetória já percorrida, sendo possível justificar e sustentar a necessidade de repensar os hábitos e atitudes errôneas que vem sendo trabalhadas em relação à leitura, por meio da literatura infantil.

Afinal, na busca de uma nova concepção, foi possível experimentar "(...) tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo de outro mundo, remoto, enfadonho ou chato (...)" (ABRAMOVICH, 1995, p.163), cabendo aos adultos, e neste caso, nós professores proporcionar às crianças a abertura das "trilhas para toda a maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras"[3].

---

[3] ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil – gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1995, p.163.

Deve-se ressaltar ainda que, embora o quadro da educação pública no país ainda esteja longe da condição ideal, várias iniciativas como esta, do Projeto Fazendo Escola, desenvolvidas por estados e municípios mostram-se algumas vezes capazes de melhorar a situação brasileira como país de poucos leitores.

No processo de superação do que está posto na educação, e essencialmente na literatura infantil que constitui aqui o meu objetivo de estudo, a atuação do professor é imprescindível, pois dele depende a instauração de uma nova mentalidade frente ao texto literário e ao trabalho desenvolvido com a literatura infantil, tendo como princípio a idéia de que "a leitura literária, enriquece a imaginação, a sensibilidade, é impulso constante para a manipulação flexível, complexa, crítica e criativa da linguagem". (HELD, 1980, p.222).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil – gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1995.

ASCHENBACH, Maria Helena Costa Valente; ASCHENBACH, Lena; FAZENDA, Ivani; ELIAS, Marisa. **A arte-magia das dobraduras.** São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: MEC/SEEF, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais – arte.** v. 6. Brasília: MEC/SEEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais – língua portuguesa.** v. 2. Brasília: MEC/SEEF, 1997.

CELIS, G. I. **Aprender a formar crianças leitoras e escritoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática.** São Paulo: Ática, 1999.

CURITIBA. Prefeitura Municipal; Secretaria Municipal de Educação. **Lições Curitibanas.** Curitiba, v. 3, 2. série, 1995.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da matemática na Pré-Escola.** São Paulo: Ática, série Educação, 1996.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias.** São Paulo: Informal, 2000.

DOLLE, J. M. **Para compreender Jean Piaget.** Tradução: Maria José J. G. de Almeida. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1974.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P.**A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 34. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

GOODMAN, K. **Introdução à linguagem integral.** L. A. Venezuela: Venezolona, 1989.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** Tradução: Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

IANNONE, Leila Rentoria; IANNONE, Roberto Antonio; PARASSOLLO, Marcio. **O mundo das histórias em quadrinhos.** São Paulo: Moderna, 1994.

LEMOS, Cristina; GOMES, Solange Maranho. **Musicando.** Curitiba: Gramofone Produtora Cultural, 2005.

LIMA, Zélia Vitória Cavalcanti. **Professor da Pré-Escola.** v. I. Fundação Roberto Marinho – Rio de Janeiro. MEC/FAE, 1991.

MACHADO, A. M. **Esta força estranha – trajetória de uma autora.** São Paulo: Atual, 1996.

MARIA, L. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores.** São Paulo: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico.** São Paulo: Scipione, 1995.

PONDÉ, G. **A arte de fazer artes.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

SARAIVA, J. A. (org.). **Literatura e alfabetização – do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, E. T. **De olhos abertos – reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil.** Campinas: Papirus, 1997.

TRAIN, Paul. **A linguagem musical.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

VALOTTO, E. R. **Contando e encantando.** São Paulo: AM, 1997.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

PERGUNTAS

1) Você gostou das histórias que foram trabalhadas?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às Vezes

2) Você teve acesso a diferentes livros de literatura?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às Vezes

3) Das histórias contadas, você se imaginou sendo um dos personagens?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às Vezes

4) Qual personagem você imaginou ser?

( ) OS TRÊS PORQUINHOS

( ) O LOBO MAU

( ) PINÓQUIO

( ) GEPETO

( ) GRILO FALANTE

( ) A CIGARRA

( ) A FORMIGA

( ) REI LEÃO

( ) SIMBA

5) As histórias ajudaram você a mudar seu comportamento, em casa e na escola?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às Vezes

6) Você conversou com seus colegas sobre as histórias trabalhadas?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às Vezes